

A redacção de "Les Temps Nouveaux,"

AOS CAMARADAS

O que até ao último instante tínhamos recusado crer é agora um facto consumado. Está desenhada a guerra. Quando esta folha aparecer, já haverá talvez alguma hecatombe a registar. Voltamos aos períodos de selvajaria. Em vez de progredir, vai a humanidade recuar.

Os povos deixaram-se guiar pelos politicantes, pelos especuladores, pela casta militar e por certa imprensa que se entreteve a excitar o ódio; durante quarenta anos, curvaram-se a todas as servidões que em nome da pátria lhes eram impostas, suaram oiro para os armamentos; durante quarenta anos, trabalhou o mundo inteiro na preparação da guerra...

Hoje, estamos servidos.

De há alguns anos para cá, podíamos esperar que a opinião pública voltando a si, recusasse enfim deixar levar o povo cegamente ao matadouro.

Ante as ameaças mais precisas, trabalhadores de todos os países se manifestaram contra a guerra em favor da paz; infelizmente, apesar da sua importância relativa, essas manifestações tinham o defeito de vir tarde demais e de não ser suficientemente poderosas, como obra de minorias.

Durante demasiado tempo também, deixou-se agitar esse espectro da guerra, que vinha anualmente erguer-se entre os povos, habituando-os pouco a pouco á ideia da fatilidade do conflito. A grande massa deixou correr, e as forças más triunfaram.

Vamos agora pagar com um redobramento de miséria e de servidão a nossa resignação e a nossa apatia dos anos decorridos.

Impotentes, sob a onda que se varre, tiveram os revolucionários que se apartar ante a fatilidade.

Para resistir á corrente, teria sido necessário o ímpeto popular de 1792 graças ao qual o povo francês fez frente á Europa reaccionária coligada, desembaraçando-se ao mesmo tempo dos opressores do interior; tinha em si audácia e vida bastantes para conquistar essas liberdades políticas que julgava lhe, iam torná-lo livre e proporcionar-lhe uma vida mais cómoda.

E nós tínhamos esperado que, ante o inevitável se endireitariam as consciências que o povo de hoje, achando de novo o ardor e a fé dos seus antepassados, saberia desta vez conquistar a independência económica, sem a qual não passa de um logro qualquer reforma, e do seu entusiasmo tiraria forças para defender os seus direitos contra quem quer que pretendesse submetê-lo de novo ao jugo.

Mas o nosso tempo não está para os largos vãos. Pseudo-revolucionários proclamaram que o ideal não passava dum engano, a única verdade era o que cada um sabia arranjar sem se ocupar de outrem, e cada um cuidou que podia emancipar-se pessoalmente sem se embaraçar em utopias e ideais falazes.

Resultado: os povos vão trucidar-se para recreio de algumas feras que dominaram a política europeia, para maior proveito dos fornecedores de exércitos!

Todavia, embora anarquistas, devemos reconhecer que os nossos actuais governantes ao—que nos parece na obscuridade que nos cerca—fizeram todo o possível para evitar o conflito, que foi preparado e desejado pelo partido militar da Alemanha e da Austria, sancionado pelos seus imperadores.

Oh! há outros responsáveis. Os pseudo-republicanos que inventaram a aliança com o governo mais autocrático e retrógrado da Europa também nos empurraram para esta armadilha. Foram eles que puseram o rastilho á mina que hoje nos explode debaixo dos pés. E o povo que a aceitou, tem também as suas responsabilidades.

Mas as recriminações não impedirão que o sangue vá correr que milhares e milhares de seres humanos vão ser ceifados pela metralha, que a miséria e o desespero se vão sentar no lar dos mais miseráveis.

Não há falta que se não pague,

e são os menos culpados que primeiro hão de pagar.

Para que a Europa não seja precipitada durante séculos na barbaria, resta-nos a esperança de que o povo alemão tome contas aos agressores e proclame ao menos a República.

(De Les Temps Nouveaux 8 de Agosto)

O comunismo livre
(DIALOGO)

—Diz-me cá: admitindo que amanhã triunfe a revolução, poderá então funcionar logo e sem dificuldade o comunismo anárquico na vida prática da sociedade?

—A tua pergunta, meu caro, poderia responder-se com outra, com esta: Pensas que hoje a humanidade se mantém no aparente equilíbrio com que funciona, porque há ricos de um lado e pobres do outro, gente que manda e gente que obedece, gente que ri e gente que chora, gente que gasta dezenas de contos para pagar o beijo de uma actriz e gente que morre de fome? Decerto que não, responderás. E então, porque não havia de funcionar bem o comunismo anárquico numa sociedade em que as causas primas do mal (propriedade e autoridade) já não existissem e todos tivessem interesse no bom andamento das coisas?

—Sim; mas os serviços públicos, por exemplo, a troca dos produtos, a Comuna, como será isso tudo organizado? Como será regulado?

—Escuta. Antes de tudo, nós, os socialistas anarquistas, como já temos dito muitas vezes, não podemos agora afirmar o que amanhã sucederá precisamente, pois não podemos dizer hoje, de modo rigoroso, que isto ou aquilo há-de organizar-se e funcionar desta ou de outra maneira. Não podemos afirmar tal, porque somos revolucionários e não formalistas; e segundo porque cada localidade, cada grupo se organizará como melhor lhe parecer, e conforme os serviços, bem como a índole e a capacidade dos seus componentes. Embora o fundo possa ser sempre o mesmo—comunismo em economia, anarquia como regime político—todavia certa forma particular de organização pode ser boa para aqui, mas impropria para acolá, esplendida, por exemplo, no Minho e defeituosa no Alentejo. O que desde já sabemos bem é que o mal deve ser destruído nas suas bases; e que, quando cada um for interessado no bem de todos e todos tiverem meios de concorrer para o bom andamento de tudo, a organização social resultante será decerto melhor que a actual e melhorará cada vez mais.

Pôsto isto, lá vai: Quanto aos serviços públicos, para simplificar a coisa, poderiam, por exemplo, dividir-se em locais e federais. Aos locais poderiam pertencer: carros eléctricos, omnibus, escolas, farmácias, padarias, talhos, e depósitos de géneros de primeira necessidade; iluminação, limpeza e higiene públicas; construção, etc. Aos federais, as ferrovias, os vapores, os correios e telégrafos, etc.

E como, em cada localidade, é de prever que todos, apenas tenham entrado na posse directa das matérias primas e dos instrumentos de trabalho, terão o cuidado de se organizar por artes e ofícios, cada uma destas organizações porá mãos ao seu trabalho próprio para satisfazer o pedido da colectividade. E assim se estabelecerá, de modo natural, o que chamamos a troca dos produtos e que, em comunismo, é antes a organização da satisfação das necessidades. Cada ofício, cada indústria produz, no seu ramo, o que é preciso para todos, e todos terão assim directamente o necessário á vida, sem dinheiro. Hoje só se produz para vender, o mais caro possível; quem não possa comprar, não pode consumir!

—Muito bem; mas tu pensas que não haverá ninguém que não queira trabalhar?

—Talvez; mas há-de ser muito difícil, porque um inimigo do trabalho seria desprezado por todos. E deves reflectir bem nisto: o trabalho, em vez de ser uma pena como é hoje na maioria dos casos, será amanhã uma ocupação agra-

dável, um exercício higiénico. Hoje, como sabes, um operário trabalha 10 a 12 horas por dia, e até mais, e ainda por cima é pelo patrão mal tratado e muito mal pago. Amanhã, porém, com uma organização melhor em proveito de todos, trabalhar-se há menos horas e produzir-se há mais.

—Como assim?

—Fácilmente. Olha quantas máquinas há hoje inactivas nos depósitos, porque os seus possuidores esperam até que apareça quem as possa comprar! Pois se todas essas máquinas e as que depois se poderiam fabricar fôsem utilizadas, quanto mais produção não se teria e quanto menos trabalho não haveria! Mais: se todos os soldados, padres, esbirros, magistrados, banqueiros, deputados, etc., se tornassem simples homens e se applicassem a um trabalho produtivo, em vez de viver á custa dos outros como hoje, não te parece que a sociedade ganharia muito?

—Sim, concordo; mas se todos trabalhassem como dizes, como progrediriam as artes e as sciências todas?

—Oral bem, melhor, bem mais rapidamente do que hoje, e a razão é esta: pondo-nos todos á obra e com a ajuda das máquinas como há pouco te dizia, o trabalho para satisfazer as necessidades da vida reduzir-se-ia a bem poucas horas. Apenas acabado o trabalho manual,—demos-lhe esse nome—como poderia cada um passar o resto do dia? A passear? A divertir-se? Pode ser que alguns o façam, e ninguém poderá nem de verá impedir; mas cedo acabariam por se aborrecer. Outros, porém, ocupariam as muitas horas de vagar no estudo, nas artes e nas sciências. E admirará, portanto, que depois um agricultor seja ao mesmo tempo um bom agrônomo, um pedreiro um bom architecto, um ferreiro um distinto engenheiro de máquinas, e assim por diante, unindo deste modo a teoria á pratica para vantagem da produção? Hoje, decerto, isso é muito difícil, nas condições em que vive o operário! No fim de 10 ou 12 horas de esforço brutal, dizer-lhe que se instrua, é uma ironia insultante!

Pelo contrário: quem poderá calcular o enorme atraso causado á sciência pela má organização social? Se a sciência estivesse ao alcance de todos e se o trabalhador não tivesse sido sempre escravo do capitalista quantos génios não se teriam manifestado? ao passo que morrem incultos e ignorados.

—É verdade. É grande injustiça esta tão grande desigualdade entre os homens. Mas, agora me lembra; disseste-me uma vez que em comunismo pode cada um entrar nos depósitos e pedir o que quizer. Assim me disseste; lembra-te?

—Sim, disse.

—Bom. Não te parece então que se faria mão baixa em tudo?

—Não creias. Imagina que ficavam abertos, ao público e á disposição de todos, todos os dias, os açougues, as padarias, farmácias, etc.; pensas que todos iriam buscar mais que o necessário? Para quê? Se alguém trouxesse o dóbdo da carne necessária, ou deixaria metade para o dia seguinte ou a deitaria fóra. Quem iria fazer isso, tendo todos os dias carne fresca em abundância?

Se alguém, ao princípio, o fizesse, em breve notaria que esse desperdício era um erro nocivo a todos e a si próprio. Caro amigo, será uma questão de cada um se acostumar a um povo ambiente e de se convencer de que na verdade vive numa sociedade muito diversa da burguesa.

Decerto, se queremos ou pretendermos julgar a sociedade futura pela escala daquela em que vivemos agora, não a poderemos conceber com uma perfeição. E' questão, repito, de ambiente novo, de moral nova, de educação nova.

Mas, cá estou em casa. Por hoje, deixo-te. Outro dia, á volta do trabalho, recomeçaremos. Até amanhã.

—Até amanhã.

E. M.

Gralha importante

No número passado, ao fundo da segunda coluna da primeira página, em vez de «atribuir á Austria», leia-se atribuir á Sérvia.

AO POVO "SOBERANO,"

(Conclusão)

Passémos agora á França. Este paiz tem no seu parlamento 102 deputados socialistas que representam 1.020.000 eleitores, aproximadamente. Teem na imprensa um órgão diario, *L'Humanité*, alem de outros periodicos e revistas de menos importancia.

Para não recorrermos a outros dados diremos que, em 1913 se declarou uma grande greve de mineiros no Pas de Calais; eram 90.000 os operarios em greve, e reclamavam aumento de salário e diminuição de horas de trabalho. Os grevistas, fiados nas palavras dos deputados socialistas, confiaram nestes a missão de dirigirem a greve e entenderem-se com as companhias mineiras. Assim, estes dirigentes começaram por publicar um manifesto no qual aconselhavam os operarios a voltarem ao trabalho, porque, diziam eles, as companhias haviam já satisfeito todas as reclamações. Os operarios grevistas, fiados neste conselho, retomaram o trabalho; mas mais tarde souberam, com grande surpresa, que os deputados socialistas os haviam enganado, vendendo-se ao ouro das companhias mineiras, enquanto que os operarios não haviam ganho nada. Alguns trabalhadores protestaram contra a conduta infame destes socialistas, e então de novo rebentou a greve com mais intensidade, reclamando os tais amigos do povo a força militar que cometeu contra os grevistas de Pas de Calais os actos mais selvagens de violencia.

Devemos fazer constar que estes pais da Patria vencem pela sua condição de deputados 15:000 (1) francos, alem doutros ordenados que recebem das associações operárias socialistas.

A Espanha tem no parlamento um deputado socialista. O partido socialista espanhol contem no seu seio 100:000 trabalhadores que pertencem á «União Nacional dos Trabalhadores», tendo representação em muitos municipios espanhóis; teem um órgão official do partido, *O Socialista*, e outros periodicos semanais. Em Bilbao é onde existem maiores nucleos deste partido. Pois bem; vamos ao mais interessante.

Em 1905 houve uma greve geral de mineiros desta região, a qual foi fraccassada pelos chefes socialistas, que se venderam ás companhias mineiras e ao governo. Em 1909 outra greve de ferroviarios estalou, sendo furada também pelos mesmos socialistas, os quais enganaram infelizmente os operarios, vendendo-se a Canalejas. Em 1913 rebentou outra greve geral de textis, na Catalunha; desta vez os socialistas, como não pudessem lograr os operarios, fazendo abortar o movimento, iniciaram uma campanha ignominiosa nas colunas da sua imprensa, condemnando a greve, e o próprio Pablo Iglesias tratou de a apresentar como obra de uns quantos agitadores ambiciosos!...

Em 1913 declarou-se, nas minas do Riotinto, a greve geral, sendo os directores do movimento os socialistas, que, vendendo-se ás poderosas companhias, atraçoiaram os operarios pelo que se perdeu a greve. E porque houvesse operarios conscientes que protestaram e poseram a nú a obra politica dos socialistas, estes, actuando como esbirros e delatores, fizeram com que á prisão de Huelva fossem parar aqueles operarios, encontrando-se lá ainda alguns.

Eis a maneira hipocrita e abominavel como esses pseudo defensores do operariado actuam nas lutas entre o Capital e o Trabalho.

E' tambem muito necessario fazer constar que Pablo Iglesias, chefe do partido socialista espanhol, recebe da «Casa do Povo» de Madrid 180 pesetas de ordenado, mensais; mais dois centimos mensais por cada associado do partido e da «União Nacional dos Trabalhadores», que dão 2:000 pesetas mensais, alem de todas as despesas de viagem, hotel, etc, pagas pelos mesmos trabalhadores, vencendo este general socialista a bonita soma de dois mil cento e oitenta pesetas mensais. (2) E assim pô-

de este amigo dos operarios, que ha quarenta anos abandonou o seu officio de tipografo, comprar automovel e construir um palacio em Toledo.

Finalmente, eis a lista onomastica dos desinteressados socialistas que formam o Estado maior de Pablo Iglesias que, sem trabalhar, recebem grandes ordenados dos sindicatos e demais sociedades socialistas reformistas que orientam: Cordouillo, secretario geral da «União Nacional dos Trabalhadores», 450 pesetas mensais; Barrio, secretario geral do Comité directivo da dita união, 450 pesetas mensais; Garcia Cortés, director do periodico «El Socialista», 450 pesetas mensais; Garcia Quejido, presidente da «Casa do Povo» de Madrid e vereador, 450 pesetas mensais; Egocheaga, presidente do sindicato mineiro de Riotinto, 300 pesetas mensais; Bascuñana, presidente do sindicato ferro-viario de Huelva, 250 pesetas; Salini, presidente do sindicato mineiro de Vizcaya, 250 pesetas mensais. Todavia é muito mais larga a lista de sanguessugas e desavergonhados que, em Espanha, recebem das caixas das organizações operarias ordenados de menos importancia. Porém, cremos que com o citado basta, para que tu, povo operario português, não te deixes enganar nas proximas eleições, pelos tarufos e intrujões politicantes que só querem agitar-se á tua custa. E não creias, povo operário, que fomos buscar a historia dos socialistas, porque esta seja a mais suja; não, em politica todos são iguais; em politica não há vergonha, nem sinceridade, nem moralidade, nem justiça; a politica não é mais do que a arte de enganar e tyrannisar os povos.

Por isso diremos que «a emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos mesmos trabalhadores.»

Povo operario portuguez, não votes em nenhum intrujão politico que hoje te chama teu amigo, mas que amanhã, quando o hajas elevado ao poder, se transformará em teu tirano!

(Lisboa)

Grupo, «Os Cosmopolitas»

(1) Ou seja em moeda portugueza 3.000 escudos!

(2) Ou seja em moeda portugueza 43000 escudos.

Uma profecia

Nesta época em que toda a imprensa publica velhas profecias sobre a guerra a que estamos assistindo, achamos interessante dar publicidade á excelente brochura que o nosso camarada Francisco Delaisi publicou em 1911 sob o titulo «A proxima guerra».

E' com o artigo que segue que iniciamos a tradução dessa brochura muito clara e de flagrante actualidade.

«A proxima guerra»

Falar duma guerra possivel, provavel, proxima, parecerá, á primeira vista, uma loucura!

Embalaram-nos durante tanto tempo com sonhos pacificos! Apresentaram-nos tantas vezes o poder das democracias e dos parlamentos como um freio ás ambições guerreiras dos governantes; tem-nos habituado de tal modo a contar com as aspirações pacificas dos povos!

Certamente, se se não consultasse senão o sentimento popular em todos os países do mundo, não haveria nada a reciar.

E' evidente que os proletarios alemães não tem nenhum desejo de atirar ao alvo sobre nós, que a grande massa do povo inglez não aspira senão a trabalhar tranquilamente nos campos, nos armazens e nas fabricas; e quanto aos franceses, sejam operarios ou camponeses, proletarios ou burguezes, socialistas internaciona-

listas ou radicais patriotas, não tem senão um desejo: a paz.

Portanto tudo tria bem, e poderíamos estar tranquilos, se os